

## ***Pode a fé curar ?***

---

Um famoso ditado popular americano diz que “uma oração por dia mantém os médicos distantes”. A oração, a fé, a religião, enfim a espiritualidade, podem ser aliadas na recuperação dos pacientes e na prevenção de doenças, segundo os resultados de algumas pesquisas recentes. Entender a complexidade da mente e os efeitos das práticas religiosas sobre a população é hoje um dos grandes desafios dos pesquisadores. Como investigar e medir a influência de algo tão abstrato e controverso? Apesar de serem desenvolvidas há algumas décadas em outros países, como os Estados Unidos, no Brasil as pesquisas sobre esse tema ainda estão no início, mas já aparecem principalmente nas universidades públicas: Unifesp, Unicamp, Unesp, Universidade Federal do Ceará e outras.

Estudos realizados em diferentes contextos sócio-culturais têm demonstrado que a espiritualidade tem relação com o comportamento e a predisposição ao vício. Esses estudos começaram em meados da década de 80, nos Estados Unidos. Atualmente, um dos centros norte-americanos mais avançados no assunto é o Duke’s Center para Estudos da Religião e da Espiritualidade, dirigido pelo médico e pesquisador Harold Koenig, autor do livro *Manual de religião e saúde*. Seus estudos científicos têm demonstrando que os praticantes ativos de uma crença podem obter benefícios físicos e mentais, entre eles, sistema imunológico mais resistente e menor propensão a certas doenças. Entre os efeitos negativos estariam o fanatismo religioso e a auto-punição, ou seja, acreditar que doença teria sido enviada como um castigo de Deus.

(...)

### **Falsos diagnósticos**

Até poucos anos, a psiquiatria tendia a ignorar ou considerar como doença certos comportamentos religiosos e espirituais. “A visão negativa das experiências religiosas deu origem a atitudes discriminatórias por parte da comunidade psiquiátrica brasileira, principalmente com relação ao espiritismo e religiões afro-brasileiras, ocasionando prisões, internações e tratamentos desnecessários”, diz Alexander Almeida, do Núcleo de Estudos de Problemas Espirituais e Religiosos da USP. Ele conta que até os anos 70 pensava-se que a pessoa menos religiosa era mais saudável, mas não havia estudos que usavam metodologia científica para provar isso.

No dia a dia, em seu consultório, para conseguir melhores resultados nos tratamentos, a tática usada pelo psiquiatra é aliar-se aos líderes espirituais de seus pacientes, propondo que ambos trabalhem pela recuperação da pessoa. Para isso, recomenda que eles incentivem os fiéis a não deixarem de tomar os remédios. Antes, muitos portadores de casos sérios paravam o tratamento, com risco de morte, porque acreditavam que somente a fé era suficiente.

Alexander afirma ainda que até pouco tempo acreditava-se que os médiuns tinham problemas mentais, pouca instrução e vinham de classes muito baixas. Segundo as religiões espírita e afro-brasileiras, os médiuns são intermediários entre o mundo físico e o espiritual. O psiquiatra mostrou na sua tese de doutorado (com bolsa da Fapesp) que o fenômeno da mediunidade pode não estar relacionado com transtornos mentais, como a esquizofrenia, que geram alucinações e delírios. Segundo seu estudo, uma das possíveis definições de mediunidade é “a comunicação provinda de uma fonte que é considerada existir em um outro nível ou dimensão além da realidade física conhecida e que também não proviria da mente normal do médium”.

(...)

**Fonte:** Revista ComCiência

<http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/06.shtml>

**Autor:** Sabine Righetti

**Data de publicação:** 10/05/2005

© 2005 SBPC/Labjor Brasil